

EM CADA CASA, UM CAUSO

Angelita Martens¹
Deisily de Quadros²

*Porque não se vai sozinho ao encontro,
não se vai nu, mas com toda a carga
de memória que se tem,
e das próprias experiências.*
(Eliana Yunes)

Contar histórias é uma arte que nasceu com o próprio homem, na tentativa de transmitir um conhecimento de uma geração para outra, inscrevendo as experiências na memória. Contar e ouvir histórias são uma tradição tão antiga, que não se sabe ao certo a sua origem. Provavelmente o berço dessa tradição esteja nas civilizações mais longínquas – como a África, a Grécia, a Índia, a Palestina e o Egito –, sociedades de tradição oral em que a linguagem escrita ainda não se fazia presente. Dessa forma, era por meio da repetição da fala que um povo preservava e transmitia seus conhecimentos e experiências através das gerações.

No Brasil, os “causos” receberam a influência dos indígenas, dos africanos e dos portugueses e a arte de contar histórias representa uma importante fonte de identidade cultural e social, simbolizando a perpetuação de uma tradição, a preservação da memória, a união de gerações, a interação de grupos e a “gostosura” de ouvir histórias.

A arte de contar e ouvir histórias, portanto, é uma prática de suma importância para a preservação da memória da sociedade e para a formação de leitores. No entanto, a contação de histórias vem sendo esquecida pelo homem contemporâneo. A criança é parte de uma história que é fruto de histórias passadas e será fio usado para tecer histórias futuras. Desse modo, procurou-se com o desenvolvimento deste projeto propiciar o resgate cultural e a formação de pequenos leitores por meio do contar, do ouvir, do escrever e do reescrever os textos orais pesquisados e coletados, fomentando a memória e o imaginário social tão adormecidos no mundo moderno, reafirmando,

¹ Universidade Federal do Paraná (UFPR)

² Universidade Federal do Paraná (UFPR)

assim, a importância de nossos antepassados e fazendo com que o conhecimento por eles narrados não se apague da memória do homem contemporâneo.

1 Literatura e memória

A vida é uma imensa colcha de retalhos. São esses retalhos - pedacinhos de histórias - que tecem nossa vida. Construimos nossa grande *história* com pequenos *contos* vividos por nós e por outros. É desse entrelaçamento de retalhos que a história é tecida e, todas as histórias vividas são preservadas quando são contadas. Assim, o ato de contar, enquanto processo criativo é responsável por preservar a memória de uma sociedade e por integrar gerações.

A memória, num primeiro sentido, é a presença do passado. É uma representação seletiva do passado de um indivíduo que está inserido em um contexto familiar, social, nacional. Portanto, a memória é, segundo Maurice Halbwachs, sempre coletiva e

seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao “tempo que muda”, às rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros (ROUSSO, 1998: 94-95).

Possuidor da memória também é o idoso, que conta suas histórias e também as histórias do ambiente social a que pertence. Segundo Grandesso (2006), o ser humano nasce e vive num mundo historiado; a vida é construída em prosa e em verso. E essas histórias são transmitidas de geração para geração por meio das narrativas orais. Essa forma de comunicação tem a função de preservar, de dar continuidade à existência dos relatos de uma comunidade, família e instituições.

O contador intergeracional de histórias era uma figura recorrente no seio familiar. Por meio dele, as histórias eram perpetuadas, passando a morar na memória de muitas gerações. O contador de história habitava, por exemplo, na figura da avó que se sentava, tendo os netos ao redor, para contar-lhes “causos”. O idoso, desta forma, era concebido como aquele que detém o conhecimento, que guarda informações preciosas e grandes ensinamentos. Por este motivo, Schwartz-Bart afirma em uma entrevista concedida a Warner (1999) que o conto é uma riqueza, já que foi alimentado com histórias. E que quando uma pessoa idosa morre, toda uma biblioteca morre.

Ainda segundo Warner (1999), um conto surge não quando é descoberto por um pesquisador, mas no momento em que é narrado por uma avó aos seus netos. Portanto, “um conto só pode existir dentro de um círculo de ouvintes” (ALVES, 2009: 46).

No entanto, as relações humanas foram reconfiguradas diante de uma nova organização social. E nesse universo, as relações humanas “passaram a obedecer à lógica da economia dos modos de produção capitalista, num processo de isolamento, pauperização social e embotamento afetivo”. (ALVES, 2009: 47). O individualismo e o mundo privado passaram a ser valorizados, diminuindo violentamente o tempo de convivência e de humanização na partilha da vida.

Essas mudanças, segundo Castañeda (2004), afetam tanto as famílias menos favorecidas como as famílias mais privilegiadas. Nas famílias desapropriadas de bens culturais, ocorre o que o autor denomina “desfiliação social”, ou seja, crianças e adolescentes deixam o seio familiar para trabalhar na rua, local onde os valores serão transmitidos. Deste modo, a família sai de cena, esvaziando a possibilidade de uma história de partilha e convivência. Já nas famílias mais favorecidas, os pais recorrem às empregadas, babás, escolas, televisão, computador e vídeo-game. Esses artifícios substituem o tempo de convivência e de histórias compartilhadas entre os membros da família. Essa mudança no comportamento familiar corrobora os novos valores pautados no individualismo, suprimindo a noção de coletividade, de partilha.

Walter Benjamin (1994) também faz alusão a esta mudança de comportamento do ser humano. Para o autor, a passagem do homem tradicional para o homem moderno é marcada pela perda da experiência. Isso porque a estrutura da sociedade contemporânea renega os valores transmitidos pela oralidade. Benjamin ainda acrescenta que a arte de narrar está desaparecendo dos palcos da vida porque a sabedoria está em extinção.

O fato é que as narrativas possibilitam ao ouvinte mergulhar naquilo que escuta, vivenciando, na experiência do outro, a sua própria experiência. Isso porque a narrativa “mergulha na vida do narrador, para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”. (BENJAMIN, 1994: 205). E sabe-se que são os idosos que incorporam o papel do narrador, do oleiro, enquanto fios condutores das histórias familiares vividas e fantasiadas que são por eles contadas numa longa cadeia oral que precedeu a sociedade tecnológica.

É essa magia da contação de histórias, dos contos e causos, que procuramos recuperar com esse projeto. Na intenção de preservar a memória da nossa comunidade, memória essa que nasce com a narração de causos que surgem em torno de situações cotidianas vividas, tornando-se importantes narrativas que retratam “os sabores e as cores de uma época, os costumes e as visões de mundo, como um reflexo do período histórico vivido” (ALVES, 2009, p.55), tivemos a pretensão de aproximar gerações, valorizando a posição do ancião enquanto depositário de uma experiência que será transmitida aos mais jovens, posição essa que lhe é de direito.

O amanhã não é tecido individualmente. É o coletivo social, com suas experiências passadas e presentes, que tece o futuro. Deste modo, são necessários três fios para que a história seja tecida: o passado que advém das memórias bem costuradas na relação com o outro; o presente que está passando pelos dedos da fiandeira, “e o futuro, que repousa na lâ enrolada na roca e que precisa ser puxado pelos dedos da fiandeira até o fuso, enquanto o presente converte-se em passado” (WARNER, 1999: 41).

2 Um projeto e os três fios tecedores da história

Partindo dos pressupostos teóricos apresentados, o projeto foi desenvolvido em 7 etapas, visando resgatar o fio da memória que, aliado aos fios do presente e do futuro, é responsável pela tecelagem da história do indivíduo e da sociedade.

Etapa 1 – Contação de causos

Nesta etapa, algumas histórias foram selecionadas para serem contadas aos alunos. Neste momento, os educandos foram sensibilizados para o projeto e verificamos que foram tomados pelo prazer de ouvir narrativas populares, prática que normalmente não faz parte do cotidiano escolar.

Etapa 2 – Nossos “causos” de cada dia

Os alunos foram convidados a contar causos. Muitos não conheciam esse tipo de história e alguns, já nesse momento, pediram auxílio aos familiares. As habilidades da oralidade foram trabalhadas (adequar a linguagem oral às diferentes situações sociocomunicativas; preocupar-se com a postura e o vocabulário; adequar a linguagem ao interlocutor; seguir a sequência lógica dos fatos; expressar-se com clareza e objetividade) e as histórias foram posteriormente registradas, ilustradas e colocadas em exposição.

Etapa 3 – Pesquisa

As crianças, nesta etapa do projeto, pesquisaram com seus familiares e com a comunidade outros “causos”. Muitas sentiram dificuldade, pois os pais eram muito novos e também não conheciam esse tipo de história. Gravaram os causos, que foram ouvidos pela turma na hora da história.

Etapa 4 – Registro escrito

Seis causos foram selecionados pela turma para serem registrados por meio da escrita coletiva. Em um momento seguinte, as histórias foram reescritas, adequando-as à norma padrão, superando os resquícios da oralidade. Nessa atividade, foram trabalhadas as habilidades da escrita e os alunos foram percebendo com mais clareza as diferenças entre a oralidade e o registro escrito.

Etapa 5 – Leitura

Nesta etapa, alguns textos foram selecionados, lidos e analisados. Os descritores da leitura foram trabalhados: localizar informações explícitas em um texto; inferir o sentido de uma palavra ou expressão; inferir uma informação implícita em um texto; identificar o tema de um texto; identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros; estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto; identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa; estabelecer relação causa /consequência entre partes e elementos do texto; estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios, etc; identificar o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações; identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

Etapa 6 – Eternizando as histórias

As histórias selecionadas foram transformadas em livros de tecido. Cada grupo de alunos foi responsável por confeccionar um livro, trabalhando com os textos e com a criação de imagens que pudessem representá-los. Foi um momento de reflexão acerca das histórias, que exigiu muito diálogo e concessões pelos membros dos grupos. Alguns desses textos foram também gravados na rádio escola pelos alunos.

Etapa 7 – Feira de projetos

Durante a mostra de projetos na escola, alunos, familiares e membros da comunidade que participaram do projeto foram convidados para a contação de histórias, para ouvirem os causos gravados na rádio escola e para conhecerem os livros criados. Foi um momento para compartilhar memórias entre as diferentes gerações.

Algumas considerações

Quando iniciamos o trabalho, trazendo na hora da história causos que faziam parte de nosso acervo e por nós coletados com nossos familiares e no livro *Resgate Cultural*, organizado por Irma Beatriz Araújo Kappel, os alunos prontamente mostraram-se interessados pelo tema. As histórias misteriosas mantinham ouvidos e olhos atentos e sempre instigavam a seguinte dúvida: “isso aconteceu de verdade?”. Sensibilização realizada, logo os alunos se prontificaram a também contar suas histórias, antes mesmo de serem convidados a fazê-lo, alguns com muita desenvoltura, outros tentando vencer a timidez. No entanto, percebemos que as poucas histórias que conheciam se repetiam. Verificamos, então, que a origem das histórias não eram os avós, pais ou tios, mas o programa “Lendas Urbanas” veiculado no SBT, o que confirmou o problema que tínhamos delimitado quando escrevemos o projeto: não há mais contação de histórias nas famílias, o que torna mais difícil a preservação da memória de nossa sociedade.

Propusemos então, que os alunos pesquisassem com seus familiares outros causos. A proposta foi que pesquisassem e depois levassem para casa um gravador, registrando a história e trazendo-a para compartilhar com a turma na hora da história. Nesta etapa do trabalho tivemos outra dificuldade: muitos pais são bastante jovens e não conheciam nenhum caso. Mais uma vez nossa problematização foi confirmada: a prática de contar histórias se perdeu na sociedade moderna. Desta forma, os alunos que têm acesso aos avós ou a vizinhos mais idosos foram os que conseguiram pesquisar novos causos. Um dos avós veio até a escola e gravou sua história na rádio. Foi um momento bastante prazeroso, de interação entre gerações e de valorização de conhecimentos adormecidos.

Feita a pesquisa, selecionamos os seis causos que mais despertaram a atenção da turma. Novamente as histórias foram ouvidas e transcritas coletivamente, o que exigiu bastante concentração dos alunos. Depois da transcrição, o desafio foi adequar o texto à norma padrão da escrita, o que provocou discussões e reflexões sobre a língua. Paralelamente a transcrição dos causos, os alunos foram convidados a gravarem as histórias selecionadas na rádio escola, o que proporcionou o trabalho com a entonação e com a clareza necessárias na comunicação oral.

Após explorarmos as histórias, dividimos a turma em seis grupos representados pelos alunos que tiveram seus causos escolhidos. Essas equipes foram convidadas a comparecer na escola no contra-turno para que estudassem as histórias e criassem desenhos para representá-las. Avaliamos em outros livros os elementos trazidos na capa e na folha de rosto e a função da ilustração. O que surpreendeu os alunos foi a notícia de que trabalhariam com tecido. Essa foi outra etapa que exigiu habilidades diferentes das trabalhadas na escola, mas o interesse e o esforço das crianças superaram as dificuldades no manuseio com o material e também os impasses que surgiram durante a confecção dos livros.

A última etapa do projeto foi a Feira de Projetos. Alunos, professores, pais e comunidade foram convidados para ouvirem os causos já gravados pelos educandos, além de conhecerem os livros por nós confeccionados.

Com o projeto, acreditamos ter resgatado memórias, histórias e saberes adormecidos, possibilitando o diálogo entre diferentes gerações, ampliando o repertório dos alunos e valorizando e mantendo viva a cultura na sociedade local.

Referências

ALVES, Heliana Castro. “Histórias tecidas na trama vivida no seio familiar e comunitário: a função do narrador na sociedade tradicional e contemporânea. In: KAPPEL, I. B. A. & CASTRO, R. S. de. *Resgate cultural* - por entre os labirintos da memória. Uberaba: UFTM, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BONDÍA, J. L. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Revista Brasileira de Educação, n. 19, jan/fev/mar/abr de 2009.

BURKE, Peter. “História como memória social”. In: *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000, p. 67-89.

CASTAÑEDA, I. Z. *Contos populares: Portugal, Brasil e São Carlos*. São Carlos: Edufscar, 2005.

DAVALLON, J. et.al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes editores, 2007.

FERREIRA, Marieta. (Coords.). *Usos e abusos de história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

GRANDESSO, M. A. “Família e narrativas: histórias e mais histórias”. In: CERVANY, C. M. O. (Org.). *Família e... narrativas, gênero, parentalidade, irmãos, filhos no*

divórcio, genealogia, história, estrutura, violência, intervenção sistêmica, rede social. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, p.13-29).

LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: *História e Memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994, p. 423-483.

MATOS, G. A. *A palavra do contador de histórias*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ROUSSO, Henry. “A memória não é mais o que era”. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta. (Coords.). *Usos e abusos de história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

WARNER, M. *Da fera à loira – sobre contos de fadas e seus narradores*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999